




Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

MOVIMENTO SOCIAL NEGRO E COMUNIDADES DE CANDOMBLÉ: AMBIENTES FORMADORES E EDUCATIVOS

BLACK SOCIAL MOVEMENT AND CANDOMBLÉ COMMUNITIES: FORMATIVE AND EDUCATIONAL ENVIRONMENTS

Mariana Semião de Lima (UNICAMP)¹
marisemi168@gmail.com

RESUMO: Quando falamos de educação, não estamos necessariamente considerando exclusivamente a escola, ainda que se trate de uma instância formativa socialmente referendada. Defendemos uma concepção de educação pautada na vida, saberes e conhecimento de diferentes ambientes e pessoas que para além do ambiente escolar, podem contribuir significativamente com a escola. O objetivo deste ensaio é afirmar o movimento social negro e comunidades de matrizes africanas, em especial, as comunidades de candomblé, como ambientes educacionais e socializadores que em conformidade com o pensamento de Paulo Freire preparam para a vida. A partir da experiência vivida nesses dois ambientes não escolares apresento a relevância dessa formação para a problematização e compreensão da minha condição de mulher negra em uma sociedade em que sujeitos que não integram a normativa hegemônica convivem com a opressão racial, social e sexual. Tais espaços não escolares, porém, formativos, desenvolvem uma educação pautada no diálogo e centrada na cultura, história e saberes da população negra. Também apresentam como proposta a transformação da realidade vivida. Este texto busca tão somente contribuir com o diálogo das ideias de Paulo Freire em espaços formadores e educativos que respeitam e valorizam a cultura, o saber e o conhecimento de diferentes comunidades e pessoas, mas não estão integrados a educação escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Negros; Movimentos sociais; Educação; Paulo Freire.

ABSTRACT: When we talk about education, we are not necessarily considering the school exclusively, even if it is a socially endorsed formative instance. We defend a conception of education based on life, knowledge of different environments and people who, in addition to the school environment, can contribute significantly to the school. The objective of this essay is to affirm the black social movement and communities of African origins, in particular, candomblé communities, as educational and socializing environments that, in accordance with Paulo Freire's thought, prepare for life. From the experience lived in these two non-school environments, I present the relevance of this training for the problematization and understanding of my condition as a black woman in a society in which subjects who do not integrate the hegemonic norms live with racial, social and sexual oppression. Such non-school spaces, however, formative, develop and education based on dialogue and centered on the culture, history and knowledge of the black population. They also present as a proposal the transformation of the lived reality. This text transformation of the lived reality. This text only seeks to contribute to the dialogue of Paulo Freire's ideas in formative and educational spaces that respect and value the culture, knowledge and different communities and people, but are not integrated into school education.

KEYWORDS: Blacks; Social Movements; Education; Paulo; Freire.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Campinas-Unicamp



Pra começo de conversa...

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos. (EVARISTO, 2017, p. 111)

Partindo do pensamento freireano de que a educação fundada no diálogo, na reflexão, na conscientização, nas ações de homens e mulheres sobre a realidade, visa a transformação do mundo e, portanto, serve como ferramenta de libertação (FREIRE, 1987), este texto tematiza sobre como a experiência vivida em ambientes não escolares negros, tornou-se referência para a problematização e compreensão da minha condição social de mulher negra.

Falar de educação não é falar de escola. Educação não é escola. Apesar dessa última ser o espaço formal instituído em nossa sociedade como o reconhecido para a construção de saberes, existe uma gama de outros ambientes que contribuem para o processo educacional e formativo de seus participantes. Em consonância com a concepção de educação defendida por Lima, Mendes e Fernandes (2020), acreditamos em uma educação centrada na cultura, no saber e no conhecimento de diferentes comunidades e pessoas, e que podem colaborar significativamente com a escola.

Pensar educação e cultura, corpo e mente de forma interseccionada, envolve considerar que processos educativos constituem-se em práticas culturais, o que posiciona a noção de cultura como um eixo central na circulação de saberes e nos modos de educar e aprender em espaços formativos particulares. [...] Quando se trata de cultura(s), refere-se a processos tecidos cotidianamente em espaços e tempos, em que há pessoas partilhando crenças, olhares, modos de agir e dizeres que produzem sentidos e significados (re)inscritos e (re)escritos em memórias e histórias. (LIMA; MENDES; FERNANDES, 2020, p. 321)



Assim como Freire (1987, p. 69) acreditamos em uma educação problematizadora, de caráter reflexivo e que se faz em diálogo pois *“ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”*.

Dentro dessa perspectiva o objetivo deste texto é afirmar o movimento social negra e as comunidades de candomblé, como ambientes não escolares que contribuem para uma educação como prática de liberdade. Busca tão somente contribuir com o diálogo das ideias de Paulo Freire em espaços formadores e educativos que respeitam e valorizam a cultura, o saber e o conhecimento de diferentes comunidades e pessoas, mas não estão integrados a educação escolar.

A partir dessas considerações, o ensaio está estruturado da seguinte forma: inicialmente falamos sobre os movimentos sociais negros como um ambiente que ao questionar o sistema de opressão racial que privilegia pessoas brancas historicamente, produz saberes para a transformação da realidade. Em seguida argumentamos o candomblé, com seu jeito diferente de ler o mundo, como espaços-tempos em que a educação tem caráter coletivo e social. Por fim teço algumas breves considerações.

Movimento social negro: diálogo e libertação.

Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo, faz parte de uma região de enorme tradição escravagista. Foi considerada a principal área da grande lavoura de São Paulo, primeiramente com as plantações de açúcar e depois de café, ao longo de todo o século XX, sendo um importador maciço de escravizados, assim como toda a região do Sudeste brasileiro devido a expansão econômica (SLENES, 2011). Essa cidade com forte tradição cultural e ativista negra é o cenário de minha experiência pessoal.



Na minha juventude, participei de um coletivo de mulheres negras da cidade. Essa participação foi decisiva para compreender a diáspora africana, compreender minha condição social de mulher negra e entender que falar de racismo no Brasil tem a ver sobre falar da ideia de raça, inventada pelo colonialismo para movimentar a exploração capitalista e escravocrata.

Antes da minha participação no movimento negro, a compreensão de como a África se espalhou pelo mundo foi me ensinada pela narrativa heroica das origens e a escravização interpretada como um meio de ajudar a raça “inferior”, “primitiva” e “sub-humana”, dominada pelos conquistadores, a se tornar disciplinada (MALDONADO-TORRES, 2019). Hoje sabemos que o deslocamento forçado e desumano, transformou homens e mulheres africanos em homens-objetos, homens-mercadorias, homens-moedas de troca (MBEMBE, 2018).

Na educação tradicional que vivenciei até aquele momento, os valores e conhecimentos transferidos estavam de acordo com os interesses da sociedade opressora. Para Freire (1987, p. 63), estamos falando aqui da concepção “bancária” de educação, prática que só *“pode interessar aos opressores, que estarão mais em paz, quanto mais adequados estejam os homens ao mundo”*.

Para reforçar o sistema de dominação existente, a educação bancária, é baseada na noção de que tudo o que o/a educando/a precisa é consumir passivamente o conhecimento e a informação dada por um professor ou uma professora. Não há a possibilidade de questionamentos, a participação ativa ou o engajamento político das pessoas nesse sistema.


Em consonância com o pensamento de Freire, no movimento social negro as pessoas são participantes ativos e ligam sua consciência a sua prática. O conhecimento não está somente nos livros, mas também no conhecimento sobre como viver no mundo. Os seres humanos são seres integrais com suas histórias, vidas e experiências não sendo apenas depósitos compartimentalizados de conhecimentos (hooks, 2017).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

A minha inserção nesse coletivo de mulheres negras me mostrou como a educação escolar não me levava a refletir sobre minha condição racial ao reforçar estereótipos racistas. Também apresentou os processos de luta e (re) existência das populações afrodiáspóricas, africanas indígenas e terceiro mundistas.

As discussões, estudos e ações dessa organização de mulheres, denunciavam, sobretudo, os papéis sociais modificados das mulheres negras escravizadas trazidas forçadamente para o Brasil. Barake-Yusuf (2003), afirma que a maioria das sociedades africanas reservava para suas mulheres poder e autoridade nas esferas, políticas, religiosas, econômicas e domésticas no período pré-colonial. Para Barake-Yusuf (2003) as mulheres africanas desempenhavam papéis centrais que evidenciam poder e autoridade, como as célebres Amazonas da Daomé ou as Iyalodê.

A partir dessa perspectiva, a diferença sexual nas sociedades africanas não significava a dominação masculina. Essas poderiam ter suas próprias formas de desigualdade e estratificação social de gênero, mas, antes da invasão europeia, não era um princípio organizativo dessas sociedades (BARAKE-YUSUF, 2003).

Pautar o protagonismo de mulheres como Tereza de Benguela, Dandara, Luiza Mahin, Maria Felipe e outras na luta pela sobrevivência do povo negro desde a escravização, em solo brasileiro, é uma construção bastante recente segundo constata Assis (2019). Mas organizações negras sempre consideraram o importante papel dessas e outras mulheres negras, em suas realidades cotidianas na resistência à lógica dominante de poder baseada na superioridade branca e patriarcal. A hierarquização de saberes através da classificação racial da população escondeu a insurgência e a luta de mulheres negras, quilombolas e indígenas contra o modelo social dominante. A história hegemônica escondeu essas vozes e saberes.


Segundo Gomes (2017) os movimentos sociais são produtores e articuladores de saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da sociedade. Em se tratando do movimento negro, muito do que sabemos e do que tem sido desvelado



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

sobre a realidade de homens, mulheres, jovens e crianças negras e negros do nosso país passou a ser debatidas e receber o devido valor político depois da problematização e questionamento de tal movimento.

Também é este movimento social que fez e ainda faz a tradução intercultural das teorias e interpretações críticas realizadas sobre a temática racial no campo acadêmico sendo assim o protagonista para que ações afirmativas se transformassem em questão social, política, acadêmica e jurídica no Brasil (GOMES, 2017).

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização - com todas as tensões, os desafios e os limites – muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido (Gomes, 2017, p.18)

Outro papel importante destacado por Gomes (2017) e desenvolvido pelo movimento social negro brasileiro foi ressignificar e politizar a ideia de raça ao trazer o debate sobre o racismo para o público e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais. Portanto, para essa autora, todas e todos nós, de alguma forma, somos herdeiras e herdeiros das conquistas e ensinamentos do Movimento Negro.

Como prática educativa de opção progressista, tal movimento é uma experiência como diria Freire (2013), de desocultação das mentiras da sociedade dominante. Com o desejo de transformar o mundo em um lugar melhor para se viver precisamos não ser ingênuos de pensar que a esperança sozinha transforma o mundo. A esperança enquanto necessidade ontológica precisa da prática para a construção coletiva histórica.

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança. (FREIRE, 2013, p. 10).



O movimento social negro me fez arregaçar as mangas e assumir meu compromisso com uma educação antirracista.

Comunidades de candomblé: relação com o mundo e com os outros

Além de todo o legado de enfrentamento ao racismo a população africana contribuiu com uma infinidade de valores, saberes, crenças e práticas em nossas vidas, apesar de que nem sempre sejamos capazes de perceber. Um desses elementos da diáspora africana é a espiritualidade. Como dito anteriormente, em função do passado colonial escravagista brasileiro pouco sabemos sobre nossas heranças africanas.

As comunidades de candomblés ou de terreiro, espaços-tempos que praticam as diferentes religiões de matrizes africanas que nasceram no Brasil a partir da vinda forçada de milhares de africanos escravizados sofrem todo tipo de ataque por causa da sua herança africana.

Isso se deve ao fato de o ponto de partida da sociedade excludente ser a branquitude, perspectiva na qual todos os outros grupos raciais que não são brancos são diferentes pois diferem do grupo que tem o poder de ser definir como a norma – a norma branca (KILOMBA, 2019). O racismo tem como caráter sistêmico atribuir subalternização ao grupo racialmente identificado como diferente daquele que é estabelecido como a norma, e não poupa esforços em perseguir e desqualificar qualquer elemento associado a cultura negra, inclusive as comunidades tradicionais de matrizes africanas.

Santos (2009) utiliza o termo epistemicídio para a prática de destruição de saberes, costumes e conhecimento não aceitos pela cultura ocidental/branca imposta aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos.



O Brasil assumiu práticas para legitimar o mito da democracia racial, permitindo que o racismo siga estruturando a sociedade brasileira nos mais diversos espaços. Nesse processo, condições de desigualdades e desvantagens são perpetuadas e privilégios são permitidos sendo que mecanismos institucionais são utilizados para a imposição de interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2019).

A população negra vive constates desafios e lutas: luta por trabalho, por educação, por moradia, alimentação, ou seja, a luta pela sobrevivência é permeada pelo racismo.

Como nos mostra Lima, Mendes e Fernandes (2020, p. 319), apesar do Brasil ser “*um mosaico étnico heterogêneo, decorrente de diferentes matrizes, tradições e saberes que se interpenetram e que o formam*” ainda nos deparamos com preconceitos monoculturais e colonialistas que dificultam o pertencimento étnico da população e a valorização de bens culturais de matrizes africanas.

Nas minhas andanças durante minha participação no coletivo de mulheres negras e mais adiante em outros coletivos negros, comecei a participar de cerimônias públicas de candomblés, a festança também conhecida como xire, e outros eventos de práticas culturais de matrizes africanas como cortejos de maracatu e jongo que aconteciam pela cidade. Campinas é uma potência de expressões negras: a comunidade negra tem variados grupos como jongs, maracatus, samba de roda.


Nas festas nos terreiros, as danças, saudações, a liturgia os cânticos são acompanhados de instrumentos de percussão como o atabaque e metálicos (agogô e adja). Fiquei fascinada pelas narrativas contidas nas danças, roupas e gestos das divindades que se apresentavam, pela alegria e energia daquele local. Descobri ali um caminho espiritual alternativo as religiões patriarcais famosas por tolerar o sexismo e a dominação masculina e inspirar muito do que aprendemos como papel de gênero nessa sociedade. (hooks, 2019).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

Os candomblés divergem do poderoso referencial religioso que durante séculos foi absolutamente hegemônico no Brasil sendo, como afirma Houfbauer (2011, p. 37) “uma sobrevivência cultural e deve ser visto como uma forma de resistência negra”.

Os candomblés se referem a um acervo desenvolvido no Brasil por africanos escravizados num período colonial carregando um acervo que atravessa o tempo histórico, além de contar parte da nossa história e assim integrar a memória coletiva do Brasil.

Segundo Botelho e Nascimento (2012) os processos educativos nos candomblés são conhecidos por meio de uma educação integral. O saber não é dividido, não é separado em disciplinas, mas somado aos valores éticos e filosóficos do cotidiano. No manuseio das plantas, no contato com a natureza, no aprendizado das danças, nos toques, na confecção das vestimentas, uma ida ao mercado... um conjunto de saberes é acionado, produzido, reproduzido e recriado constantemente.

Portanto, o mundo afro-religioso não se encerra no interior dos muros de um terreiro, ao contrário, abrange uma teia de relações. A vida cotidiana se torna um pretexto para se educar. Vida e aprendizado nesse contexto são indissociáveis (BOTELHO; NASCIMENTO, 2012).

Outro ponto importante destacado pelos autores acima se refere ao fato de que nessas comunidades a educação tem caráter coletivo e social. O processo educativo é responsabilidade de todo o grupo, em especial das pessoas mais velhas. Em nossa inconclusão,


A prática educativa nas comunidades de candomblé acontece por meio de uma relação horizontal, onde a criança, o jovem, a mulher, o homem, o/a negro/a, o/a branco/a dialogam em comunhão mediados pelo mundo como diria Paulo Freire (1987). estamos sempre em busca de querer mais e esse é o combustível que nos move por uma educação que estimule a mudança.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

Os candomblés servem para a preservação da herança religiosa e cultural africana e sempre estiveram atuantes na luta travada “*pelo povo negro resistindo a opressão, à dominação e a exclusão, buscando um espaço de valorização da particularidade negra no patrimônio cultural brasileiro*” (BOTELHO; NASCIMENTO, 2012, p. 76).

As comunidades de matrizes africanas operam uma outra forma de olhar o mundo, numa visão oposta a lógica dominante construindo assim, modos outros de resistir, (re)existir e (re)viver.

Algumas breves considerações

Para incutir um senso de segurança e legitimidade, os opressores agem sobre os oprimidos impondo-lhes sua consciência, ideias e vontades. Exploram, violentam, e desumanizam utilizando-se da diferença para a homogeneização do mundo e a desvalorização e supressão de todas as práticas de conhecimento contrárias a seus interesses.

Como apresentado neste ensaio, o movimento social negro e as comunidades de candomblé promovem processos formativos e educativos e para muitas pessoas promovem uma referência para a vida. Tais espaços de re-existência, são ambientes educacionais socializadores e formativos, que lutam contra a secular opressão vivenciada por nossa especificidade étnica e cultural e que ainda nos condena a uma identidade marginalizada e cheia de estereótipos historicamente produzidos.

A experiência de pertencimento a esses ambientes formativos oferece saberes e conhecimentos diferentes daqueles transmitidos pela escola e que são considerados os únicos legítimos pela epistemologia dominante.

O movimento social negro e as comunidades de candomblé são espaços de educação que buscam um deslocamento de representações de conhecimento



eurocentrados. Importante olharmos para esses outros ecossistemas educativos que têm espaços, tempos, formas e saberes próprios.

Se não fossem os valores racistas cristalizados na mente da sociedade, que legítima determinadas referências e desqualifica outras tantas, ambos os espaços destacados nesse texto, poderiam tornar-se parceiros da ação educativa e formativa escolar como já recomendado pela lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003). 1

Referências


- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.
- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Conversando sobre interseccionalidade: o conceito para as feministas negras norte-americanas**. In: *Interseccionalidades*. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019, p. 19-25.
- BAKARE-YUSUF, Bibi. **Além do determinismo: A fenomenologia da existência feminina Africana**. Tradução para uso didático de BAKARE-YUSUF, Bibi. Beyond Determinism: The Phenomenology of African Female Existence. *Feminist Africa*, Issue 2, 2003. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/bibi_bakare-yusuf_-_al%C3%A9m_do_determinismo_a_fenomenologia_da_exist%C3%Aancia_feminina_africana.pdf Acessado em 19 de agosto de 2021.
- BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson F. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. **Participação** (UnB), v. 17, 2012, p. 72-80.
- BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 18 jan. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 12 • Número 36 • Mar 2022

**Dossiê Temático: Centenário de Paulo Freire:
Dialogicidade e Educação entre lutas e amorosidades**

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v12i36.460>

HOFBAUER, Andreas. Dominação e contrapoder: o candomblé no fogo cruzado entre construções e desconstruções de diferença e significado. **Revista Bras. Ciências Políticas**, jul. 2011, no.5, p.37-79. ISSN 0103-3352

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Norma Silvia T; MENDES, Jackeline R.; FERNANDES, Renata S. Capoeira e educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. IN: **Educação, Ciência e Cultura**. v. 25, n. 2, 2020, p. 319-334.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. n-1 edições, Paris, 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. IN: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. (orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 27-53

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.p. 23-71.

SLENES, Robert. **Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

Recebido em: 31/01/2022 | Aprovado em: 19/07/2022.
